

TURBANTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL : UMA PRÁTICA ANTIRRACISTA PARA ALÉM DO 20 DE NOVEMBRO

EDUCAÇÃO DAS SENSIBILIDADES E NARRATIVAS: O MUNDO NA ESCOLA E A ESCOLA NO MUNDO-

*Queiti Cristina Pereira da Silva
queitimcris@gmail.com*

*Professora de Educação Infantil – SME/ RIO e Mestranda do PPGEduc/ UNIRIO
Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores*

No presente trabalho apresento uma proposta de prática antirracista com turbantes vivida com crianças da Educação Infantil, ao longo dos anos de 2018 e 2019. O trabalho que pretende ser apresentado na Mostra Pedagógica virtual: “Lavando a Alma” coaduna com a proposta do Eixo 2: *EDUCAÇÃO DAS SENSIBILIDADES E NARRATIVAS: O MUNDO NA ESCOLA E A ESCOLA NO MUNDO*, já que o eixo convoca professores a narrarem suas experiências produzidas no espaço educativo compromissadas com o reconhecimento das pluralidades e singularidades que nos constituem como sujeitos e que nos mobilizam a pensar e a construir uma sociedade justa e igualitária.

Durante a pandemia decretada pela Organização Mundial das Nações Unidas, em 2020, tive a oportunidade de participar de várias formações que migraram para o modelo de aulas *on-line* síncronas ou para o formato de lives¹. Assim sendo, em umas das lives da Rede Cirandar, organizada pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), *XI Conversas, partilhas e Formação em Rede* fui provocada pela Profa. Ana Paula Venâncio do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro a pensar práticas antirracistas para além do 20 de Novembro.

Mesmo no formato virtual, com discussões travadas na tela do computador a live foi uma possibilidade de dialogarmos sobre a prática antirracista, sobre nossa constituição enquanto professoras da rede pública e sobre os desafios enfrentados para permanecermos refletindo sobre nosso fazer pedagógico. Somado a essa provocação o Google fotos me trazia lembranças das experiências vividas por mim com dois grupos de crianças em idade Pré-Escolar, em duas escolas públicas que atendem crianças de uma mesma comunidade da Zona Norte do Rio de Janeiro.

Com uma abordagem narrativa (CLANDININ; CONNELLY,2015), este relato foi tecido no e com o cotidiano compreendendo que a partir das narrativas podem emergir possibilidades de relacionar o que é vivido ao contexto educativo (ALVES, 2010), e é a partir dela que recupero

"Cá e lá": pontes e rios que nos levam e nos aproximam – escutas, diálogos, experiências memórias vivenciadas por mim sobre meu processo de transição capilar, o qual se entrelaça ao impulsionamento de minhas práticas pedagógicas antirracistas.

A narrativa me oportuniza contar histórias e compartilhar com outros os sentidos (PRADO; SERODIO; PROENÇA, 2017) que atribuí ao processo de descoberta do meu pertencimento étnico e como isso influenciou minha própria prática pedagógica. Me propus, então, a viver com as crianças uma comunidade de aprendizagem em que elas se sentissem à vontade para serem quem são e tivessem a oportunidade de fortalecer a sua identidade (hooks, 2017).

A partir do uso que faço dos turbantes como marcação da minha identidade enquanto mulher e professora negra, desperto nas crianças a curiosidade sobre esse acessório africano e partir desse interesse os tecidos para confecção dos turbantes passam a fazer parte dos materiais disponíveis para as crianças na sala, não sendo utilizados apenas no “mês único” como aponta (GERALDEZ, 2020).

Hoje, temos a lei nº 10.639/2003 que alterou a lei nº 9.394/1996 tornando obrigatórios os estudos da história e cultura afro-brasileira e africana. A lei nos convoca a enfrentar o desafio de mudar a natureza das nossas práticas de ensino, indicando que elas precisam ser diárias e para além de propostas pedagógicas feitas isoladamente por um ou dois professores, tais práticas precisam caminhar no sentido de reconhecer e valorizar as singularidades dos sujeitos negros.

Nesse processo de construção identitária, descobrir a história e o significado do turbante como um símbolo da resistência da cultura negra me fez optar por usá-lo como marcação do meu compromisso social, político e estético. O uso desse artefato possibilitou que eu passasse pela transição capilar², realizando o *big chop* (grande corte) no final de 2017 sentindo-me forte, segura e empoderada.

Tentando sanar a curiosidade inicial das crianças, expliquei que, naquele momento, estava usando porque tinha passado pela transição capilar. Narrei, através de fotos do meu arquivo pessoal, o que era esse processo e elas ficaram admiradas e surpresas quando viram que meu cabelo ficou bem curto quando fiz o *big chop*. Creio que, ao partilhar minha experiência com as crianças, assumimos um compromisso entre nós: o de ouvirmos uns aos outros para que possamos, juntos, compreender as diferentes percepções que possam surgir nesse movimento de interação com o outro, em que nos dispusemos com todos os nossos sentidos (hooks, 2017; GOMES, 2003).

A primeira atividade que planejei com os turbantes foi o vídeo *Hea dwraps: Recortes de história*. No vídeo, assistimos ao significado do uso de turbantes e aos diversos nomes como ele é chamado nos diferentes países africanos. As crianças se identificaram mais com o significado do

"Cá e lá": pontes e rios que nos levam e nos aproximam – escutas, diálogos, experiências

turbante que equivale ao de coroa utilizado por reis e rainhas. Neste momento, reafirmo para elas os valores que me fazem usar esse acessório, em concórdia com Fortes, para quem:

A indumentária surgiu para o movimento negro como um resgate da cultura dos ancestrais e da estética. Simboliza a resistência cultural dos descendentes dos africanos escravizados em seus costumes originais. Como forma de valorização da história, cultura e estética africana e afro-brasileira, o uso do turbante é uma maneira de empoderar as mulheres negras e apresentar outras belezas que não as que a moda impõe como ideal. (FORTES, 2016, p. 1).

Dando prosseguimento à atividade com os turbantes, disponibilizei tecidos de diferentes texturas e cores para que as crianças pudessem experimentar amarrações, porém eu estava disponível para fazer, caso desejassem. Não demorou muito para que elas demonstrassem interesse em ir para o recreio e para o almoço com os turbantes. Certa de que os tecidos não poderiam mais voltar comigo para casa, organizamos uma caixa para que os turbantes ficassem dispostos no mesmo lugar dos brinquedos, para que pudessem fazer uso quando tivessem vontade.

Para minha surpresa, o acessório foi muito utilizado durante as brincadeiras, começaram a manifestar o desejo de fazerem amarrações mais elaboradas. Uns turbantavam os outros e usavam o espelho que tínhamos na sala para conferir o resultado do processo. Nos primeiros meses foi possível perceber como as crianças, em especial as meninas negras, relatavam episódios de racismo e o seu descontentamento com a textura e cumprimento do seu cabelo. Os turbantes disponibilizados de diversos tamanhos e tecidos oportunizavam a elas experiencarem um acessório da cultura africana, desenvolvendo uma imagem positiva sobre si e a estética do seu cabelo.

Penso que instituir práticas pedagógicas que contribuam para a construção da identidade negra e a valorização da estética negra na escola pode tornar-se uma estratégia pedagógica de construção de identidades e de combate ao racismo. Na prática relatada o turbante enquanto acessório da cultura negra nos ajudou a construir um ambiente de representatividades positivas rompendo com a estética eurocêntrica que por tanto tempo moldou nossos modos de ser reconhecer-se enquanto negro.

Palavras-chave: crianças; turbante; prática pedagógica; educação infantil

"Cá e lá": pontes e rios que nos levam e nos aproximam – escutas, diálogos, experiências

Referências Bibliográficas

ALVES, N. G.. **Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos**. In: Regina Leite Garcia. (Org.). Diálogos cotidianos. 1ed.Petrópolis e Rio de Janeiro: DP et Alii e Faperj, 2010, v. 1, p. 67-82.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2º edição rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.

GERALDEZ, Geiza et al. **Pesquisadoras da Educação Básica: Germinando Ações e saberes nas Escolas Públicas Periféricas**. Rio de Janeiro: Eduniperiferias Editora, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educ. Pesqui. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.

FORTES, Camila. (2016). **Resistência, política e elegância: o empoderamento através do turbante**.

Disponível em: <https://entrecultura.com.br/2016/08/11/resistencia-politica-e-elegancia-o-empoderamento-atraves-do-turbante/>. <Acesso em 15/12/2020>

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

PRADO, Guilherme, SERODIO, Liana A, PROENÇA, Heloisa. A prática da leitura privilegiada como exercício alteritário: caminho aberto na pesquisa narrativa. In: Inês Barbosa de Oliveira, Graça Reis (org). **Pesquisas com formação de professores rodas de conversas e narrativas de experiências**. 1. Ed. Petrópolis, RJ, 2017. p. 119-135.